

INTERNET, IDENTIDADE CULTURAL E REGIONALISMO: inclusão ou exclusão informacional?

INTERNET, CULTURAL IDENTITY AND REGIONALISM: inclusion or exclusion?

**Eliany Alvarenga de Araújo¹
Katiane A. Lima²**

1 INTRODUÇÃO

Partindo da consideração de que a informação é um dos elementos do processo sócio-cultural de atribuição e comunicação de sentidos, este texto objetiva analisar a seguinte questão:

No contexto informacional denominado de *Internet* ocorre o fortalecimento ou o desaparecimento de identidades culturais regionais?

Se considerarmos o primeiro caso, teríamos que, a mundialização de fluxos informacionais acabaria por gerar um espaço global de registro e divulgação e fortalecimento das identidades culturais regionais. No segundo caso, teríamos a geração de uma macro-cultura, na qual ficariam submersas as culturas regionais.

Mas, estes posicionamentos, apresentados de forma resumida, se mostram extremamente simplistas e, até mesmo, maniqueístas. Objetivando ampliar nossa compreensão sobre o referido fenômeno apresentamos a seguir algumas considerações de natureza teórico-conceituais sobre a *Internet*, identidade cultural e informação.

2 *INTERNET* : Das redes de computadores às redes sociais

A *Internet* pode ser vista como a expressão mais evidente da confluência entre o desenvolvimento tecnológico e o papel central assumido pela informação em nossa sociedade. Sua concepção foi essencialmente tecnológica e informacional. Se, por um lado, a evolução da tecnologia lhe deu meios para materializar-se, foi a potencialidade da troca de informações que impulsionou seus idealizadores.

¹ Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da *Universidade Federal da Paraíba*.
Doutora em Ciência da Informação pela *Universidade de Brasília*

² Professora, Pesquisadora e Historiadora.

Analisando seus antecedentes, percebemos a variedade de momentos e contextos que cercam a evolução da *Internet*, até o quadro atual que nos é familiar. Sua origem nas salas secretas do Departamento de Defesa Norte-Americano é cercada pela tensão da guerra fria e da espionagem, combinada com a pesquisa científica, baseada na troca e acesso fácil a informação é extremamente significativa. O desenvolvimento das intrincadas peças que lhe permitiram crescer e consolidar, entregue a jovens com idéias revolucionárias, livres e despojados, ancorados em universidades cheias de projetos e recursos para financia-los. Estes fatores, entre outros, conforma Castells (1999), contribuíram para lhe emprestar algumas características marcantes, como a estratégia de organização em redes, o uso da tecnologia e a troca de informações como fundamento, a questão da independência de um controle central e a variedade de usuários que podem dela se servir devido às *interfaces* amigáveis adotadas.

Do ponto de vista das ciências sociais a *Internet* é um campo fértil para a pesquisa sobre novas formas de sociabilidade ou de interação social através do espaço virtual. O Dicionário do Pensamento Social do Século XX, de William Outhwaite e Tom Bottomore, traz o conceito de interação social como “*comportamento inter-relacionado de indivíduos que influenciam uns aos outros pela comunicação*”. Em muitos casos, interação e comunicação são usados como sinônimos. Alguns autores inclusive definem interação como uma seqüência recíproca de comunicações entre dois ou mais indivíduos. Afirmamos que, a interação social pressupõe um processo de comunicação entre indivíduos que orientam suas ações reciprocamente.

De forma geral podemos detectar três formas básicas de interação social, que se desenrolam na *Internet*:

- as interpessoais, representadas principalmente pela troca de mensagens através do correio eletrônico e dos *chats* (salas de bate papo);
- as comerciais, caracterizadas pelas relações entre pessoas, envolvendo troca e negociações financeiras, a venda e compra de produtos e serviços de qualquer natureza (serviços bancários, por exemplo);
- as políticas, que surgem a medida que as pessoas têm a liberdade de emitir suas opiniões, seus pensamentos, suas idéias e podem marcar suas posições ideológicas e partidárias. Temos como exemplo, a participação nos diversos *newsgroups*, as sugestões, críticas, reclamações, denúncias aos órgãos públicos, as listas de abaixo-assinados, a adesão a grupos políticos;

Um fato importante caracteriza a comunicação através da *Internet* – a não presença, a mediação pelo computador, que permite aos agentes comunicantes a “liberdade” para assumir outras ou múltiplas identidades. Ressalta-se aqui o aspecto de mobilidade conferida pela comunicação mediada pelo computador. Mobilidade neste contexto tem dois aspectos importantes – a habilidade de se mover de um lugar para o outro sem ter que se deslocar fisicamente e a possibilidade da mobilidade *status*, classe, papel social e até de personalidade. Esta mobilidade se inter-relaciona diretamente com nossa identidade cultural.

3 QUE NORDESTE É ESTE? EM DISCUSSÃO A QUESTÃO REGIONAL

Conforme Silveira (1999, p. 15) “*região é uma parte singular da superfície terrestre organizada por uma determinada sociedade no tempo condensado, reunindo assim vários tempos*”. Caracteriza-se por:

- um ou mais modos e formas de produzir e reproduzir sua sobrevivência;
- uma estratificação social decorrente das suas relações de produção e de suas lutas pela apropriação dessa produção;
- um governo para gerir tais confrontos e assegurar o comando da sociedade para certos grupos/extratos/classes sociais, governo este que, situada a região em um estado nacional ou em uma formação social subordinada, não tem o total controle do seu território;
- determinadas formas de se pensar, se representar e se interpretar e suas diferenças em relação a outras espacialidades/sociedades.

A partir destas considerações sobre o conceito de região, abordamos a questão da região Nordeste. Ao falarmos de Nordeste estamos nos referindo a uma região composta pelo espaço econômico agropecuário, com uma configuração sociológica de banditismo e, em outros tempos, de cangaço, pela organização política coronelística, assim também como, uma região que se moderniza rapidamente e busca cicatrizar feridas provocadas pelo desenrolar de sua história.

Para alguns estudiosos, o Nordeste é um “território da revolta”. Estes estudiosos da questão regional nordestina analisam o nordeste e o nordestino, a partir do tema da revolução social e da teleologia que ele implica. São discursos que supõem ser a história outra coisa que aparenta imediatamente. Supõem a existência de um projeto fundamental que a guia em segredo. Fazem uma ontologia da profundidade onde se busca um reencontro no futuro com uma verdade do homem, perdida em algum momento da sua dinâmica. Trabalham com a existência de objetos ou mecanismos de funcionamento para além da dispersão do tempo. É uma história indivisa, que pode se comprazer em olhar o longínquo sem ter que, com ele, controlar suas relações, ou melhor, falseando suas relações.

Para outros, o ser nordestino passa a ser apenas mais uma roupagem de plástico que se veste para cobrir um acúmulo de diferenças. A identidade como um acontecimento feito de saturações progressivas, sempre inacabado. Pois para desfamiliarizar o presente é preciso a construção de novos lugares, novos territórios simulados pelos desejos, onde se afirma não a existência de algo melhor, mas usa possibilidade. Pensar, contar o Nordeste é desprender-se de si mesmo e de sua verdade, é não estar satisfeito com a visibilidade e a dizibilidade deste lugar. É torná-lo em outras palavras. Dar a ele outras cores e nomes, e refazê-lo, realçá-lo como favela e festa, cidade e campo. Afirmar a não existência do nosso lugar, que somos erráticos sem lenço, nem documento. Apenas navegamos, nem Bahia, nem Paraíba, nem Paraíba, nem Brasil, entre o oculto e o óbvio. Com tal visão, o Nordeste deixa de ser apenas seca, pobreza, cangaço ou forró, para ser isto tudo e também uma região que se moderniza rapidamente, se globaliza e assim amplia, constantemente, a complexidade de sua história.

Convivemos, enquanto nordestinos e pesquisadores, com várias faces do Nordeste. É uma dinâmica que reúne tradição e modernidade. Neste redemoinho se forma a identidade cultural nordestina.

4 IDENTIDADE CULTURAL – DO SOCIAL AO REGIONAL

Podemos analisar o tema – identidade cultural – a partir dos conceitos – social e cultural. Um conceito de social pode ser: o social é a totalidade das relações (relações de produção, de exploração, de dominação) que os grupos mantêm entre si dentro de um mesmo conjunto (etnia, região, nação) e para com outros conjuntos. Neste contexto, a cultura, nada mais é do que o próprio social, mas considerado, desta vez, sob o ângulo dos caracteres distintivos que apresentam os comportamentos individuais dos membros deste grupo, bem como suas produções originais.

Assim, a cultura nos mostra como o social é apreendido/vivenciado através dos comportamentos particulares dos membros de um determinado grupo: nossas maneiras específicas, enquanto homens e mulheres de uma determinada cultura, de pensar, de se relacionar, de trabalhar, de distrair, reagir frente os acontecimentos (por exemplo – o nascimento, a doença, a morte).

A cultura identifica-se com o modo de vida de determinada população, com todo o conjunto de regras e comportamentos pelos quais as instituições sociais adquirem um significado para os agentes sociais e através dos quais se encarnam em condutas mais ou menos codificadas. A cultura indica um conjunto histórico e geograficamente definido das instituições de determinada sociedade, designando as tradições artísticas, científicas, religiosas e filosóficas de uma sociedade, suas técnicas, costumes políticos e os mil usos que caracterizam a vida cotidiana.

A partir destas considerações, compreendemos que a identidade cultural e uma relação/processo de reconhecimento que o sujeito social realiza ao viver numa cultura e assume como algo próprio, os valores/elementos característicos de uma determinada cultura, ou seja, é a forma como os sujeitos sociais incorporam e expressam os elementos da cultura dos grupos do qual fazem parte. Este processo de geração de identidades culturais pode ser caracterizado também como um processo de geração de regionalismos, ou seja, geração de formas específicas de se viver a cultura a partir de diferentes experiências vivenciadas por grupos sociais que habitam diferentes espaços geográficos e históricos.

A partir destas considerações, de ordem conceitual, podemos inter-relacionar os elementos – *Internet* e identidade cultural – objetivando com isto, delimitar questões que deverão delimitar o(s) problema(s) a ser(em) analisados por esta proposta de pesquisa.

5 INTERNET E IDENTIDADE CULTURAL

Podemos analisar a relação – *Internet* e identidade cultural – a partir do conceito de técnica.

A técnica é um fenômeno de importância universal na vida humana, pois é através dela que o ser humano coloca-se no mundo e o humaniza, isto é, o transforma a

partir de pressupostos e necessidades humanas. Assim a análise da questão da técnica é a reflexão sobre o sentido de ser do homem, principalmente homem moderno, ou seja, do homem da atualidade. Conforme Oliveira (1983, p. 116) em seu livro intitulado *Ética e Racionalidade Moderna*,

“(...) o homem não é simplesmente um ser vivo entre os outros, mas o ente em que o sentido do ser emerge na infinita concretude do seu viver. Neste sentido podemos dizer que a experiência do sentido da totalidade é a experiência originária da existência humana, o fenômeno primeiro e, não podemos falar do homem sem abordar sua compreensão da totalidade.”

Ao pensarmos no homem moderno, indagamos: o que é a realidade e a verdade para este ser? Antes de tecermos considerações a partir desta indagação, tecemos alguns comentários sobre a modernidade e justificamos a escolha deste recorte para nossas análises conceituais.

Em um sentido geral, a modernidade é compreendida como uma forma de pensamento e de visão de mundo inaugurada pelo renascimento e que se opõe ao pensamento medieval (a escolástica). Assim, o pensamento moderno valoriza o indivíduo, a consciência, a subjetividade em oposição à hierarquia, aos dogmas e a verdades estabelecidas. Conforme Berman (1987, p. 16-17)

“a aventura da modernidade pode ser dividida em três fases: 1) Origem/Início do século 16 ate fim do século 18 – Início da vida moderna, 2) Implementação/ Da revolução Francesa até fins do século 19 – As pessoas compartilham um sentimento de viver numa grande era revolucionaria, mas ainda se lembram do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro, 3) Concretização da vida moderna/ século 20 – o processo de modernização abarca virtualmente todo o mundo.”

Atualmente, a questão da modernidade é caracterizada por uma controvérsia filosófica. Por um lado temos Lyotard defendendo a idéia de que já vivemos uma “condição pós-moderna” e que esta é um necessária separação da modernidade, sobretudo, da ciência e da razão emancipadora, considerando que estas são, ao contrário do que se pensa, as responsáveis pela continuação da subjugação do indivíduo. A emancipação do ser humano viria daquilo que o homem tem de mais criativo e livre – a arte. Por outro lado, temos Habermas, que defende o que chama de modernidade, considerando que esse projeto não está acabado, mas precisa ser levado adiante e só através dele será possível obter a emancipação do homem em relação a ideologia e a dominação político-economica.

Seguindo o esquema proposto por Berman (1987), vivemos, atualmente, o apogeu da era moderna. Assim, analisar a atual relação do homem com a natureza e com seus semelhantes é considerar que tal ser é moderno e que vive e reproduz esta forma de pensamento e de visão de mundo.

Pode se afirmar, entretanto que, diante “... das múltiplas formas de alteridade que emergem, das diferenças de subjetividade, de gênero e de sexualidades, de raça, de classe, de configurações de sensibilidade temporal e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais”, (Filgueiras, 1997, p. 172), estamos

vivenciando uma era pós-moderna. Assim, ao relacionarmos a identidade cultural e a *Internet*, não estaríamos analisando um contexto pós-moderno? Neste ponto, vale lembrar Rouanet citado por Filgueiras (1997, p. 185), quando este afirma que “... estamos vivendo a revolta antimoderna que hoje grassa o mundo, sem jamais ter vivido a modernidade.” Consideramos que tal colocação se aplica, exemplarmente, ao contexto da região Nordeste.

Retomando a questão feita anteriormente: o que é a realidade e a verdade para o homem moderno?

A forma de relacionamento do homem moderno com a realidade é tecnológica. Um rápido olhar sobre o nosso cotidiano permite a comprovação desta colocação. Mas o que significa afirmar que mantemos uma relação tecnológica com a realidade? E quais são as conseqüências deste fato para a constituição de uma noção de verdade? Conforme Oliveira (1993, p. 122),

“o homem moderno só se interessa pela realidade enquanto o que pode ser posto a sua disposição. (...) Isto revoluciona a autocompreensão do homem: ele, que no pensamento clássico, era apenas um ente entre os outros, torna-se o ente fundante da verdade de todas as coisas.”

Neste contexto desenvolve-se a consciência tecnológica, ou seja, “a consciência da funcionalização universal (...) consciência que tudo vê a partir do caráter de sujeito atribuído ao homem; técnica e auto-realização do homem com doador de sentido a tudo o que existe. “

A partir destas considerações, asseguramos que para o homem moderno a realidade e a verdade são “(...) só o que se deixa objetivar, que se deixa ser usado pelo homem em seu processo de auto-realização”. (Oliveira, 1993, p. 122). Neste sentido, afirmamos que, através da técnica e da tecnologia, colocamo-nos diante da natureza e a dominamos, humanizando-a. Assim, a técnica e a tecnologia não nos é estranha, nem distante. Ela passa a ser a nossa forma de agir/estar no mundo que nos cerca. Mas se tal afirmação é válida, por que estamos a nos perguntar sobre as vantagens e prejuízos advindos da *Internet*? Por que vivemos este misto de inquietação e esperança diante da *Internet*?

A esperança vem da possibilidade de superar limitações, realizar sonhos e suprir necessidades. A inquietação surge da percepção de que tais tecnologias parecem pôr em perigo o conjunto de valores e normas que, tradicionalmente, fundamentam e dão coerência a nossa experiência de vida.

Podemos abordar esta questão a partir da análise da relação entre os homens na modernidade e das novas tecnologias de informação como dispositivos que trabalham diretamente sobre a linguagem.

Com a análise da relação entre os homens na modernidade, evidenciamos que a consciência tecnológica – que fundamenta a relação homem-natureza na era moderna - sendo o primeiro elemento(o homem) o gerador de sentido para o segundo elemento (a natureza); a partir sobretudo da Segunda Guerra Mundial (desenvolvimento exponencial da ciência), assumiu proporções desconhecidas. A partir deste momento, inicia-se a universalização desta forma de conhecer/ compreender/ agir a/sobre a realidade. Outro fato fundamental para a compreensão desta questão é o fato de que a

tecnificação com que o homem tratava a natureza começa a ser utilizada/concebida como forma de relacionamento entre os homens. Assim,

“a reciprocidade das consciências” aparece com um fenômeno a ser regulado pelas leis das ciências empíricas, de sorte que o processo de racionalização, que para Max Weber é específico da sociedade moderna, significa precisamente o processo permanente de instrumentalização da vida humana, tanto individual, como social e política. A vida humana em toda a sua dimensionalidade é cada vez mais submetida a condicionamentos da razão tecnológica – toda a organização do trabalho e da economia, o sistema de educação, a rede de comunicação, as instituições financeiras, o sistema de defesa e o próprio estado.” (Oliveira , 1994, p. 125).

A segunda questão a ser analisada relaciona-se com a colocação de que as novas tecnologias de informação (NTI)³ (infra-estrutura básica da *Internet*) são dispositivos que trabalham diretamente com a linguagem. Assim, temos que, tais tecnologias distinguem-se tanto da técnica, como das tecnologias tradicionais, na medida em que já não são apenas utensílios de produção, nem instrumentos destinados a tornar a nossa percepção do mundo exterior mais fácil e mais clara. As novas tecnologias de informação são dispositivas.

Conforme Rodrigues (1994) um dispositivo é um mecanismo auto-regulado. Funciona segundo o princípio do automatismo. Os dispositivos naturais são os órgãos dos seres vivos, com um funcionamento instintivo, cujo princípio é o reflexo condicionado. Os dispositivos naturais não podem fazer escolhas deliberadas. A ciência já fabrica dispositivos destinados a substituírem órgãos defeituosos ou que não funcionam bem. Mas, os dispositivos que nos interessam relacionam-se com as novas tecnologias de informação. Uma das características fundamentais destas tecnologias “... é o fato de pertencerem a este domínio de dispositivos técnicos e de incidirem diretamente sobre a linguagem, não apenas no plano do funcionamento da língua (regras lexicais e sintáticas), mas no sentido que mantém relações intrínsecas com a linguagem, ao explorar e evidenciar o imaginário discursivo (relações entre *significante {forma}* e do *significado {conceito}*)”. (Rodrigues, 1994, p. 201).

Conforme o autor supracitado, “... é pelo fato de apresentarem estas relações intrínsecas com as estruturas lingüísticas e com o imaginário discursivo que as novas tecnologias de informação acabam por modelar todos os domínios da nossa experiência individual e coletiva, Assim as novas tecnologias de informação são *tecnologias da linguagem*”. (p. 201)

Outro fato importante sobre as novas tecnologias de informação é que elas não parecem estar enraizadas numa experiência cultural concreta. São dispositivos que ultrapassam o âmbito da nossa experiência cultural e da experiência da nossa comunidade de enraizamento, passando a funcionar numa escala planetária.

Um outro ponto a ser destacado relaciona-se à questão da linguagem. Assim, o homem ao contrário dos outros seres, não se relaciona imediatamente com o mundo,

³ Novas Tecnologias de Informação: Equipamentos que desempenham várias tarefas que envolvem o processamento e a transmissão da informação através de redes de computadores. Representam a convergência de diversas correntes de desenvolvimento tecnológico que incluem a microeletrônica, ciência da computação, tele comunicações, engenharia de softwares e análise de sistemas.

nem com os outros, mas este relacionamento se dá a partir da mediação simbólica da linguagem. A linguagem nos apresenta e intermedia nossas relações junto ao mundo (natureza e sociedade) e aos nossos semelhantes. A linguagem também se relaciona diretamente à técnica, pois só é possível dizer, ou ainda, só é possível fazer aquilo que sabemos dizer ou representar discursivamente. Assim o *homo faber* e o *homo ludens* são as duas faces do ser humano. A cultura é composta por duas faces: a técnica (modos de fazer) e a linguagem (modos de dizer). A primeira é de natureza aplicada, a Segunda, de natureza simbólica ou discursiva.

A partir destas considerações, afirmamos que as novas tecnologias de informação, e, conseqüentemente a *Internet*, incidem sobre as relações sociais de maneira muito particular:

“as fronteiras geográficas tradicionais são expandidas, surgem as fronteiras informativas (independem da distancia, da historia comum, da partilha de um mesmo território). A instantaneidade da presença simultânea de todos a todos neutraliza as modalidades tradicionais de gestão longa das comunidades humanas.” (Rodrigues, 1994, p. 209).

Este panorama expresso por Rodrigues (1994) gera o descentramento do ser humano em relação aos núcleos culturais que compõem nossa visão de mundo. Este autor (1994) afirma que as novas tecnologias de informação geram uma realidade exorbitante, ou seja, um universo lúdico, sem espessura simbólica no sentido cultural, que não orienta em termos de valores, normas e éticas. É neste sentido que Castells (1999), nos fala das “comunas culturais da era da informação”, compostas por grupos de diversas naturezas (religiosas, raciais, sexuais, políticas e econômicas), que se estruturam e funcionam a partir das redes de comunicação eletrônicas que compõem a *Internet*.

6 INFORMAÇÃO

Um terceiro conceito que analisamos relaciona-se à questão da informação enquanto instrumento básico de interação social, tanto no contexto da *Internet*, como no contexto social. A partir da consideração de que a informação pode ser conceituada como um dos elementos do processo sócio-cultural de atribuição e comunicação de sentidos, analisamos o termo, de uso comum na *Internet*, que é: informação com conteúdo. Este termo tem sido utilizado significando que a informação para ser útil para as pessoas deve ter sentido acessível e imediato. Esta nos parece ser atualmente a grande ambição daqueles que atuam na *Internet*. Afinal é esta proximidade entre necessidades informacionais e informação relevante que garante retornos financeiros.

No campo da Ciência da Informação existe o termo “informação com valor agregado”. Conforme Barreto (1995, p. 19), pode-se agregar valor à informação de três formas:

- 1) agregar valor na fase de organização dos estoques de informação (agregação de valor na informação como um todo);

- 2) agregar valor no estágio de transferência da informação para o usuário (agregação de valor ao nível da mensagem);
- 3) agregar valor ao nível do receptor (agregação de valor no nível do receptor/usuário de informação).

A expressão “informação com conteúdo” se aplica aos dois últimos casos – agregar valor no estágio da transferência de informação e agregar valor no nível do receptor/usuário - pois o objetivo destas ações é compatibilizar a qualidade da informação com as necessidades do receptor/usuário de informação. Considerando o contexto da *Internet* é, principalmente, nos níveis acima citados, que ocorre a geração/incorporação/emissão de valores culturais. Portanto, nesses, níveis ocorre a geração de sentidos variados que geram impactos de diferentes naturezas nas identidades culturais.

Após estas considerações, retomamos a questão inicial: no contexto informacional- denominado de *Internet* – ocorre o fortalecimento ou o desaparecimento de identidades culturais locais?

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A(s) resposta(s) à questão da inclusão ou exclusão informacional no contexto da *Internet* e a relação deste processo com a identidade cultural de grupos sociais da região Nordeste coloca(m)-se como ponto fundamental, pois possibilita(m) a determinação de parâmetros para serviços, produtos e políticas de informação no contexto do atual estágio de desenvolvimento denominado de sociedade de informação. Para aprofundarmos esta discussão temos que buscar na esfera política, elementos que nos ajudem a compreender como a informação e o conhecimento participam de articulações e arranjos de poder; como a informação e o conhecimento garantem a permanência de esquemas injustos e geradores de exclusão ou possibilitam a mudança social, ao ampliar as oportunidades de participação e cidadania.

Assim, gerar análises que respondam à indagação feita no início deste texto, exige maior aprofundamento na compreensão da relação entre informação/conhecimento e poderes instituídos e a possibilidade de mudança social nas articulações que mantêm tais poderes. Com este posicionamento extrapolamos a proposta inicial deste texto. Acreditamos ter apresentado “pistas” que alimentam novas análises dentro da temática aqui discutida.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. *Os destinos de fronteira: a invenção do nordeste*. João Pessoa, 1999. (Palestra realizada no Curso Extensão – 500 anos - Paraíba/Revisão histórica e historiográfica).

BARRETO, Aldo. *A questão da informação*. São Paulo: FIESP, 1995.

CASTELSS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FILGUEIRAS, L. H. G. Modernidade *versus* pós-modernidade. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 53, março, 1997.

LAPLANTINE, M. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Manfredo. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

PARAÍBA. Secretaria de Educação e Cultura. *História da Paraíba em Fascículos*, n. 21/28. João Pessoa, 1997.

RODRIGUES, Adriano. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Porto: Ed. do Porto, 1994.

SILVEIRA, R. M.G. *O regional e o local*. João Pessoa, 1999. (Palestra realizada no Curso de Extensão 550 anos -Paraíba – Revisão Histórica e Historiográfica.